

# CNB

COMPANHIA  
NACIONAL DE  
BAILADO

---

## 40 ANOS

---

DIREÇÃO ARTÍSTICA  
PAULO RIBEIRO



# RORIZ/WELLENKAMP/ FORSYTHE/ NAHARIN

PROGRAMAÇÃO LUÍSA TAVEIRA

## Maio

dias 11, 12, 18  
e 19 às 21h  
dias 13 e 20 às 18h30  
dia 14 e 21 às 16h

## Escolas

17 de maio às 15h

## Ensaio Geral

### Solidário

10 de maio às 21h

## TREZE GESTOS DE UM CORPO OLGA RORIZ

Este programa é constituído por quatro peças em reposição, cujo êxito de público foi marcante em temporadas recentes. As duas primeiras são dos criadores portugueses Olga Roriz e Vasco Wellenkamp, a terceira do norte-americano, durante muito tempo radicado na Europa, William Forsythe e a última do israelita Ohad Naharin.

*Treze Gestos de um Corpo* é já um clássico e uma das coreografias mais carismáticas de Olga Roriz, onde um elenco masculino alterna com um feminino numa sucessão de solos e num crescendo de intensidade dramática. *Será que é uma Estrela?* é uma peça recentemente coreografada por Vasco Wellenkamp, numa sentida homenagem à bailarina Graça Barroso.

*Herman Schmerman*, dueto de Forsythe cujo título não pretende ter qualquer significado, mostra-nos o encontro de um casal que, através de uma execução técnica quase impossível – como são, aliás, todas as obras de repertório deste coreógrafo – não deixa de nos sugerir uma narrativa de humor muito subtil. Finalmente, com *Minus 16*, confirma-se a habilidade de Ohad Naharin em saber como fazer o público dançar.

## SERÁ QUE É UMA ESTRELA? VASCO WELLENKAMP

## HERMAN SCHMERMAN WILLIAM FORSYTHE

## MINUS 16 OHAD NAHARIN

A FUNDAÇÃO EDP  
É MECENAS PRINCIPAL DA COMPANHIA NACIONAL DE BAILADO  
E MECENAS EXCLUSIVO DA DIGRESSÃO NACIONAL

fundação  
mecenias exclusivo



## RORIZ/WELLENKAMP/FORSYTHE/NAHARIN DIGRESSÃO NACIONAL 2017

**Teatro Municipal de Vila Real**  
27 de maio de 2017, às 21h30

**Convento de São Francisco,  
Coimbra**  
3 de junho de 2017, às 22h

**Teatro Sá de Miranda Viana  
do Castelo**  
9 de junho de 2017, às 22h

**Centro Cultural Vila Flor,  
Guimarães**  
18 de junho de 2017, às 21h

**Teatro Municipal da Guarda**  
22 de junho de 2017, às 21h30

**Teatro Virgínia, Torres Novas**  
25 de junho de 2017, às 18h

**CAE de Portalegre**  
29 de junho de 2017, às 21h30

**Teatro José Lúcio da Silva,  
Leiria (Festival de Leiria)**  
2 de julho de 2017, às 18h

**Teatro Viriato, Viseu**  
7 de julho de 2017, às 21h30

# CARNET DE BAILE

— Sónia Baptista,  
abril 2017

## CORPO DE BAILE

Pertencer a, reconhecer a, a dança, reconhecer o corpo que dança e pertencer à dança.

Confiar, dar a mão, deixar-se guiar, nas danças de baile, nas danças a par, nas danças de conjunto, deixamo-nos guiar. Tradicionalmente, a figura masculina, (A menina dança?), posicionava as mãos no par, a figura feminina, para a guiar. Agora, com os géneros já baralhados, trocados, desembaraçados de restrições e constrictões, mantém-se essa regra da dança, de alguma, muita, dança de par, há quem guia e quem é guiado(a) par.

Quem assume o papel de domador de ritmo, de conhecedor de passos, de decifrador de estilos, quem guia e quem se deixar guiar? Será assim a relação entre o que dança e o que vê dançar? O que dança guia o que vê dançar?

Há uma resposta emocional, não só profundamente cinética, no ver dançar, no dançar com, no conseguir acompanhar a dança, no reconhecimento da dança, no grupo que dança. Dançar com um grupo é dançar com amigos, não, com pares, é sentir o apoio e amor da partilha. Os amigos, pares, que conosco dançam, ajudam a suportar os nervos do não saber, do ter que aprender, do riso nervoso no processo para ao saber chegar. Dançar é um processo comunitário que faz bem, faz bem ao coração e faz bem ao coração (tem duas funções o coração, mesmo sendo só um no peito).

Estar no tempo. Batimento cardíaco.  
Estar no ritmo certo. O coração sabe.  
Estar fora de tempo. O coração sofre.  
Mas.

Um bailarino nunca está sozinho. Mesmo quando dança sozinho dança com a dança, como um escultor dança com o mármore e um pintor rodopia óleos. O bailarino

dança com música mesmo quando não dança com música. Parece-me que o bailarino dança sempre com música, ouve música que não é música como a entendemos, que se calhar não pode sequer ser ouvida, composta, tocada, que é música que só se ouve no corpo, que é música que se vê e só se vê no corpo. Estar no ritmo certo. O coração sabe.

O bailarino nunca está sozinho e pode assim viver num celibato que aparenta, exterior, mas, por dentro, casado. A bailarina casa de cada vez que se embrenha no tule dos tutus. Quando não tem tutus para dançar é livre para namorar. O que a dança quer é um *flirt*. A menina dança?

Dançar com o outro.  
Dançar o corpo de outro.

O bailarino dança sempre outros corpos, dança a dança de outros corpos, acrescenta o seu corpo à dança dançada. Quando a dança é criada para o seu corpo, com o seu corpo, que espanto é, depois, ver outro corpo a dançar o corpo que era seu, criado do seu corpo. Tantas as interpretações como quantos os corpos do futuro, presente, passado.

Interpretar um corpo alheio, imaginar a rebelião contra esse corpo alheio, essa outra voz, a recusa do corpo alheio, habitar esse corpo, possuir o corpo ou ser possuído por ele?

É abrir mão do ego, primeiro, perder o corpo na voz de outro corpo, mas, depois, querendo suplantar o corpo original, aí se revela então o ego. Faz-se assim no dançar a dança outra que já foi de tantos, balança-se entre egos. O bailarino faz o que lhe mandam, não, o bailarino é o que tem de ser. Perde-se na dança mas não perde a voz, ego.

O intérprete de dança cria a dança que dança.

## CORPO DE ÁGUA

Por muito que se anote a coreografia, que se a filme, que se a preserve, a dança é água que não se deixa tomar, rebenta diques e retoma cursos de água. Transborda a água, é cheia, em cheia. A dança transborda de cada vez que é dançada, cada vez, mesmo pelo mesmo corpo, dança dançada, mutável e assim desejada. É isso o que define a dança, impermanente, sempre, definitivamente, impermanente. Obedece a partitura, como a música, repetida, repetida, ensaiada. Quer-se igual mas nunca é igual e às vezes é menos igual, e às vezes corre mesmo mal, muito mal, e é esse o risco, e é esse o corpo do trabalho, da dança, é esse o corpo que corre o risco e dança no risco e arrisca-se a falhar. É preciso coragem para entrar na roda da dança e à vista de todos, mesmo bem dançar. Que digo eu? É preciso coragem para dançar! Ponto!

A dança aceita a mudança.

Passei uma temporada a rever o meu estado com a dança, a ver mais dança do que a que tenho visto regularmente, eu que, agora, só vejo palavras quase exclusivamente.

O que aprendi foi que não me consigo desalojar do meu corpo, que tem dentro de si a dança, que tenho inveja dos corpos que desabitam outros corpos, que tenho amor por e inveja de. Que não entro no palco mas uso a cadeira para (não) dançar. Que não sossegam os músculos quando vêem a dança, muito pelo contrário, querem dançar, os meus músculos sentados querem—na dança, à dança.

Os músculos dos corpos que desabitam outros corpos, que tomam outros corpos no dançar. Sucessão, tradição, preservação. O legado da dança continua, *eppur si muove*. É assim que vive a dança e assim viverá. De corpo em corpo. Sem parar.

A dança de palco até pode ser uma relíquia (a dança fervilha fora dos palcos, no mundo fervilha) mas nós, que a vemos, nela queremos ser, queremos subir ao palco, invejamos, o ser atlético/poético. E é esse o corpo, retrato, do bailarino, atlético/poético. Metáfora de músculos, imagem.

A dança ficou de fora da caracterização hegeliana das Belas Artes. As Belas Artes seriam aquelas que contribuiriam para o conhecimento e o pensamento intelectual, por isso, artes não simbólicas ou não verbais, como a dança, seriam coisa pré-linguística e pré-civilizacional, pertencendo ao mundo do corpo, pedestre e terrestre e não ao do espírito, elevado.

Assim, para uma arte ser considerada Arte teria de ser entendida intelectualmente e não ter uma resposta corpórea.

Mas responder a uma ideia, entendida intelectualmente, com o corpo, não significa não entender essa ideia. O corpo faz com as ideias o mesmo que a poesia e a filosofia fazem com conceitos. A poesia simplifica o entendimento complicando, à partida, a percepção do mundo, tem, dessa maneira, o rasgo do relâmpago da chegada, e a filosofia arruma e desarruma conceitos em coisas, coisas em conceitos, posiciona o mundo. A dança não materializa conceitos mas encorpora conceitos, é ideia, é emoção. A dança é.

As obras de dança são criadas transformando alguma coisa da experiência da vida quotidiana num símbolo artístico que existe e é apreciado e experienciado fora da vida quotidiana. Não é isso a dança?

O movimento da dança não é nunca só movimento ou movimento puro mas, ao invés, é transformado pela actividade da arte, da arte a ser arte, a fazer-se arte, num outro tipo de movimento. O que se vê da dança é ao mesmo tempo reconhecível e estranho.

Não se explica uma dança como não se explica um poema como não se explicam os truques de magia. Tem de se acreditar.

A dança comunica mas não em linha directa, há demasiadas diagonais. O corpo escreve-se com rodeios tantos, como poema, que se esconde e revela, esconde e revela com cada leitura, esconde e revela com cada dança a dança.

A dança não é efémera mas tem uma qualidade vital que aparece e logo desaparece enquanto a dança está a ser performada. Como a vida, que se morre ao viver, cada dia do viver, é efémero o estado da vida como o da dança.

A natureza mutável e fugidia da dança sugere o efémero como valor estético e transforma a performance ao vivo, da dança, numa experiência vital tanto para os bailarinos como para o público.

## CORPO COMUM

O que faziam as damas, antigas? Marcavam no baile, no caderninho, a lápis, o nome dos pares associados às danças. Escreviam nos caderninhos, *camets*, nos cartãozinhos. Prometiam as danças, as damas, e namoravam assim com dança ou flirtavam assim se, durante a dança, conseguiam falar. Não é fácil contar os passos, o ritmo e falar e respirar ao mesmo tempo, provoca uma transmutação, um feitiço no pé direito que vira pé esquerdo (juro que vem daí o dito: ter dois pés esquerdos para dançar). No dançar assim, como antigamente, tocavam-se as mãos e um rectângulo de corpo com a forma da mão. Desse contacto estabelecem-se pactos, de conforto, de amizade, de desejo, de embaraço, de repulsa, no azar, de pele com pele não pegar. É melhor assim, não se pode querer sentir a pele de toda a gente, o descontrolo, os motins! É por isso que a química é só para

alguns, ou cada experiência de química é só para os que a sabem correctamente dosear.

*Programme du bal, Dance card, Tanzkarte, Carnet de baile.*

A dança celebra o que a voz chora.  
A menina dança, às vezes a chorar.

Dança-se a tristeza e a alegria. A dança celebra o que a voz chora.

Eu quanto mais dançava mais queria dançar mesmo quando doía, é por isso que dançam bailarinas até à morte nos contos, nos bailados, nos feitiços. Dançar eleva do chão e da tristeza.

A dança quer-se de coisas aladas, a dança quer levantar do chão mas precisa do chão para se levantar. Ou da cadeira, entre o céu e a terra.

A cadeira é um par a dançar, quatro pernas, a cadeira é um par a sustentar a menina, dança? Antes de dançar. A cadeira é onde descansa o corpo da dança porque a dança cansa, a dança também é trabalhar. A cadeira é o que ampara o corpo de quem vê dançar e é de veludo e aconchega porque quer seduzir o corpo no assento e impedi-lo de saltar até ao palco para procurar par. Como não querer dançar quando se vê dançar? Como não?

A dança comunica e estabelece ligações entre corpos dançantes ou corpos que ouvem a dança falar. E partilha da coragem. O meu corpo que ainda não sabe a dança que os outros dançam, dá-se à dança, e à comunidade, dá-se não sabendo, para aprender e saber, dá do seu tempo, dá da sua exposição, dá-se vulnerável, dá-se ao desconhecido. Dançar é coisa tão íntima, porque sabe tão bem fazê-lo em comunidade? Porque se faz junto. O bailarino nunca está sozinho.

A dança é a partilha, o rito de passagem do medo, da alegria. Não se dança com o coração pesado? Dança-se mas deixa-se o coração no chão. Ou em cima da cadeira, para não pisar.

A dança é movimento e cumpre-se assim em movimento. Tolerante da mudança, actuante na mudança, provocadora da mudança, acolhe a mudança comunalmente.

Parece que há mesmo ligações cinestésicas que se estabelecem entre os que dançam e os que vêm dançar, sensações misteriosas nos músculos e sistemas nervosos, emoções sentidas no corpo. Como se houvesse transferências entre os que dançam e os que vêm dançar, como se estivéssemos todos no palco a dançar. E estamos, estamos todos no palco, a dançar. —

# TREZE GESTOS DE UM CORPO

## **Olga Roriz**

coreografia

## **António Emiliano**

música

## **Nuno Carinhas**

cenografia e figurinos

## **Orlando Worm**

desenho de luz

### **Estreia mundial**

Ballet Gulbenkian, Lisboa, Grande Auditório Gulbenkian, 25 de março de 1987

### **Estreia pela CNB**

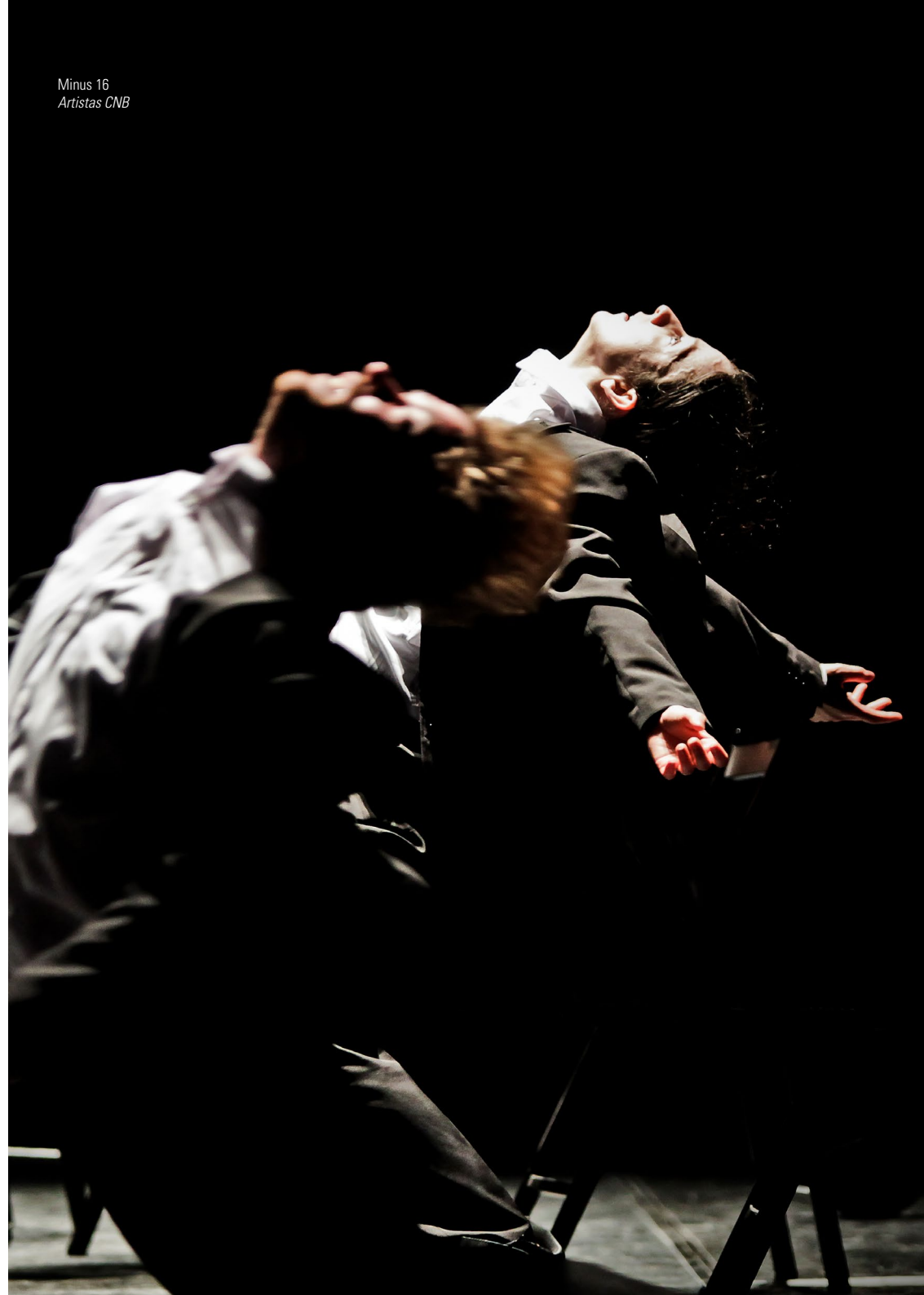
Lisboa, Teatro Camões, 8 de março de 2007

## OLGA RORIZ COREOGRAFIA

---

Olga Roriz, natural de Viana do Castelo teve como formação artística na área da Dança o curso da Escola de Dança do Teatro Nacional de S. Carlos, com Ana Ivanova, e o curso da Escola de Dança do Conservatório Nacional de Lisboa. Em 1976 ingressou no elenco do Ballet Gulbenkian, sob a direção de Jorge Salavisa, permanecendo até 1992, tendo sido primeira bailarina e coreógrafa principal. Em maio de 1992 assumiu a direção artística da Companhia de Dança de Lisboa. Em fevereiro de 1995 fundou a Companhia Olga Roriz, da qual é diretora e coreógrafa. O seu repertório na área da dança, teatro e vídeo é constituído por mais de 90 obras, onde se destacam as peças *Treze Gestos de um Corpo*, *Isolda*, *Casta Diva*, *Pedro e Inês*, *Paraíso*, *Electra*, *Nortada* e *A Sagração da Primavera*. Criou e remontou peças para um vasto número de companhias nacionais e estrangeiras entre elas o Ballet Gulbenkian e Companhia Nacional de Bailado (Portugal), Ballet Teatro Guaira (Brasil), Ballets de Monte Carlo (Mónaco), Ballet Nacional de Espanha, English National Ballet (Reino Unido), American Repertory Ballet (E.U.A.), Maggio Danza e Alla Scala (Itália). Internacionalmente os seus trabalhos foram apresentados nas principais capitais europeias, assim como nos E.U.A., Brasil, Japão, Egito, Cabo Verde, Senegal e Tailândia. Tem um vasto percurso de criação de movimento para o teatro e ópera. Na área do cinema realizou três filmes, *Felicitações Madame*, *A Sesta* e *Interiores*. Várias das suas obras estão editadas em DVD pela produtora Real Ficção, realizadas por Rui Simões. Uma extensa biografia sobre a sua vida e obra foi editada em 2006, pela Assírio&Alvim, com texto de Mónica Guerreiro. Desde 1982 Olga Roriz tem sido distinguida com relevantes prémios nacionais e estrangeiros. Entre eles destacam-se o 1.º Prémio do Concurso de Dança de Osaka-Japão (1988), Prémio da melhor coreografia da revista londrina Time-Out (1993), Prémio Almada (2004), Condecoração com a insígnia da Ordem do Infante D. Henrique – Grande Oficial pelo Presidente da República (2004), Grande Prémio da Sociedade Portuguesa de Autores e Milenniumbcp (2008), Prémio da Latinidade (2012). —

Minus 16  
Artistas CNB



# SERÁ QUE É UMA ESTRELA?

**Vasco Wellenkamp**  
coreografia

**Liliana Mendonça**  
figurinos

**Vítor José**  
desenho de luz

**Maria João**  
voz

**João Farinha**  
piano

**Estreia mundial**  
Companhia Nacional  
de Bailado,  
Lisboa, Teatro Camões,  
12 de março de 2015

**CANÇÕES**  
*Eu sei que vou te amar*  
(Tom Jobim / Vinicius de  
Moraes);  
*Eu te amo* (Tom Jobim /  
Chico Buarque);  
*Beatriz* (Edu Lobo / Chico  
Buarque).

Foi no silêncio da tua ausência que coreografei, para ti, estas três canções de amor.

Alguns dias antes de partires, quando te peguei ao colo para te deitar, percebi que tentavas levantar o braço para me abraçares. Ajudei-te a levantá-lo e a enlaçá-lo no meu pescoço. Pouco tempo depois foste embora. Mais tarde, sonhei que tinhas voltado para me dares esse abraço de despedida. Estavas ali e o teu abraço era tão quente, tão verdadeiro, tão real. Eu, louco de alegria, pensei que era tudo mentira e que não tinhas partido. Pedi-te para me contares como é o outro lado da vida. Serenamente, distanciaste-te um pouco de mim e disseste: não posso contar, meu amor, não posso. E desapareceste-me outra vez. Esse abraço, que guardarei até ao fim dos meus dias, esteve sempre presente nesta obra que te dedico. —

## VASCO WELLENKAMP COREOGRAFIA

Vasco Wellenkamp ingressou, em 1968, no Ballet Gulbenkian. De 1973 a 1975 foi bolseiro do Ministério da Educação em Nova Iorque, na Escola de Dança Contemporânea de Martha Graham. Ainda em Nova Iorque frequentou o curso de composição coreográfica de Merce Cunningham e trabalhou com Valentina Pereyslavec, no American Ballet Theatre. Em 1978, como bolseiro da Fundação Gulbenkian, frequentou o curso para coreógrafos e compositores da Universidade de Surrey, em Inglaterra. De 1977 a 1996 desempenhou as funções de coreógrafo residente, professor de Dança Moderna e ensaiador do Ballet Gulbenkian. Em 1975 foi nomeado professor de Dança Moderna da Escola de Dança do Conservatório Nacional e, em 1983, professor coordenador da Escola Superior de Dança de Lisboa. Vasco Wellenkamp coreografou no Brasil para o Ballet do Teatro Municipal de São Paulo, o Ballet de Niterói, a Cia. Cisne Negro e o Ballet Guaíra; na Argentina, para o Ballet Contemporâneo do Teatro San Martin; na Inglaterra, para o Extemporary Dance Theater, o Dance Theater Comune e a Companhia Focus On; na Suíça, para o Ballet du Grand Theatre de Genève; na Itália, para o Balletto di Toscana; na Croácia, para o Teatro da Ópera de Zagreb; na Áustria, Oper Graz. Em janeiro de 1999, criou a Companhia Portuguesa de Bailado Contemporâneo que dirigiu até outubro de 2007. Foi nomeado Diretor Artístico do Festival de Sintra, em setembro de 2003. Vasco Wellenkamp foi galardoado, em 1996, com a medalha de ouro e o prémio para o melhor coreógrafo, no II Concurso Internacional de Dança do Japão, com a obra *A Voz e a Paixão*. Em 1994, a 10 de junho, foi condecorado com o grau de Comendador da Ordem do Infante D. Henrique, por sua Excelência o Senhor Presidente da República, Dr. Mário Soares. Entre 2007 e 2010 dirigiu artisticamente a Companhia Nacional de Bailado. Em novembro de 2010, retomou o cargo de Diretor Artístico da Companhia Portuguesa de Bailado Contemporâneo. Em 2014, a coprodução, *FADO/Ritual e Sombras*, que coreografou para a CPBC e o IDT, ganhou o primeiro prémio, na categoria “escolha do público” para a melhor produção apresentada na Holanda, nesse ano. —

## MARIA JOÃO VOZ

Maria João construiu uma surpreendente e brilhante carreira, pautada pela participação nos mais conceituados festivais de jazz da Europa e do mundo. Um percurso iniciado na Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal e que, em poucos anos, extrapolou fronteiras, fazendo de Maria João uma das poucas cantoras portuguesas aclamadas no estrangeiro. Possuidora de um estilo único, tornou-se num ponto de referência no difícil e competitivo campo da música improvisada. Uma capacidade vocal notável e uma intensidade interpretativa singular valeram-lhe não só o reconhecimento internacional, como a figuração na galeria das melhores cantoras da atualidade. Unâimes no aplauso, crítica e público nomearam-na “uma voz levada às últimas consequências”, declarando-a “uma cantora que não para de evoluir”. Além da sua parceria com Mário Laginha, gravou em nome próprio: *Sol, João*, disco dedicado ao cancionero popular do Brasil, *Amoras e Framboesas*, com a Orquestra Jazz de Matosinhos, e *Electrodoméstico* com o OGRE, o seu mais recente projeto entre muitas outras participações. A nível internacional trabalhou com prestigiados nomes da música, tais como Aki Takase, Bobo Stenson, Christof Lauer, Gilberto Gil, Joe Zawinul, Laureen Newton, Lenine, Ginga, Wolfgang Muthspiel, Trilok Gurtu, Ralph Towner, Manu Katché, Saxofour, Brussels Jazz Orchestra, Frankfurt Big Band, entre outros, tendo ainda no seu portfólio um dueto com Bobby McFerrin. —

## JOÃO FARINHA PIANO

João Farinha, músico e compositor português, inicia os seus estudos aos impensáveis 19 anos, em Lisboa, para grande apreensão dos seus pais. Passa por algumas escolas de música como o Hot Clube de Portugal (Filipe Melo), a Academia de Amadores de Música (Alexandre Diniz, Mário Delgado) e o Prins Claus Conservatorium da Holanda (Marc Van Rooy) onde contacta com músicos de todo o mundo. Em 2008, cruza-se com a cantora Maria João com quem descobre ter grande afinidade musical e com quem começa a apresentar-se profissionalmente. Através destes concertos com a cantora tem a oportunidade de tocar dentro e fora do país (Itália, França, Espanha, Grécia, Chile), em reputadas salas portuguesas como o Centro Cultural de Belém, a Gulbenkian ou o Hot Clube de Portugal e com alguns músicos de topo da cena jazz portuguesa como Júlio Resende, Joel Silva (cúmplices companheiros do projeto OGRE) e também Mário Delgado, Carlos Barretto, Bernardo Moreira e Bruno Pedroso. —

# HERMAN SCHMERMAN

**William Forsythe**  
coreografia, espaço  
cénico e desenho de luz

**Thom Willems**  
música

**Gianni Versace e  
William Forsythe**  
figurinos

**Maurice Causey**  
assistente do coreógrafo

**Estreia mundial**  
Frankfurt, Opernhaus,  
Ballet Frankfurt,  
26 de setembro de 1992

**Estreia pela CNB**  
Porto, Rivoli, Teatro  
Municipal, 29 de janeiro  
de 2016

## WILLIAM FORSYTHE COREOGRAFIA

Mantém-se ativo, no panorama da coreografia, há mais de 45 anos. É reconhecido o seu trabalho na reorientação da dança, a partir da identificação com o repertório clássico, rumo a uma forma artística dinâmica e condizente com o século XXI. Iniciou os seus estudos na Florida, dançou no Joffrey Ballet e depois no Ballet de Estugarda, onde foi nomeado coreógrafo residente, em 1976. Ao longo dos sete anos seguintes coreografou, ainda, para companhias europeias e norte-americanas. Entre 1984 e 2004 dirigiu o Ballet de Frankfurt. No ano seguinte criou a Companhia Forsythe que dirigiu ao longo de dez anos. As suas mais recentes criações foram desenvolvidas e apresentadas exclusivamente por esta companhia, mas o seu repertório anterior é dançado por elencos como os do Ballet Mariinsky, The New York City Ballet, The San Francisco Ballet, o Ballet Nacional do Canadá, o Semperoper Dresden Ballet, o Royal Ballet ou o Ballet da Ópera de Paris. Tem sido distinguido com os mais distintos prémios nos Estados Unidos, Reino Unido, França, Alemanha, Itália ou Suécia. Tem recebido encomendas para produção de instalações de arquitetura e performance. Inúmeros museus, bienais e festivais têm apresentado as suas instalações e filmes. Em colaboração com especialistas em comunicação e pedagogos tem desenvolvido novas abordagens à documentação da dança, pesquisa e educação. A sua aplicação informática *Tecnologias da Improvisação* é utilizada como ferramenta de ensino por companhias profissionais, conservatórios, universidades ou programas de pós-graduação em arquitetura. Forsythe é regularmente convidado para apresentação de palestras e workshops em universidades e instituições culturais. Em 2015, foi nomeado Coreógrafo Associado do Ballet da Ópera de Paris. *Artifact II*, *In The Middle Somewhat Elevated* e *The Vertiginous Thrill of Exactitude*, são criações de Forsythe anteriormente dançadas pela Companhia Nacional de Bailado. —

## MINUS 16

**Ohad Naharin**  
coreografia e figurinos

**Bambi**  
desenho de luz

**Erez Zohar**  
assistente do coreógrafo

**Estreia mundial**  
Nederlands Dans Theater II,  
Lucent DansTheater, Haia,  
Holanda,  
11 de novembro de 1999

**Estreia pela CNB**  
Lisboa, Teatro Camões,  
12 de março de 2015

o **Ballet Gulbenkian**  
dançou a versão *Minus 7*  
cujo primeiro espetáculo  
ocorreu em Lisboa, Grande  
Auditório Gulbenkian,  
19 de junho de 2002

## MÚSICA

colagem de composições de diversos autores

*C'est magnifique*  
Nelson Riddle & his  
orchestra;

*Adios Mi Chaparrita*  
Perez Prado and his  
orchestra  
(L.F. Esperon / B. Marcus);

*Solamente Una Vez*  
Perez Prado  
(Agustin Lara / R. Gilbert);

*Patricia*  
Perez Prado and his  
orchestra;

*I can't believe that you're in  
love with me*  
John Buzon trio & his  
orchestra;

*Allays in my heart*  
Perez Prado

*It must be true*  
The John Buzon trio & his  
orchestra;

*Hava Nagila*  
(traditional music)  
Dick Dale

*Echad Mi Yodea*  
(traditional music)  
arranged and played by  
Ohad Naharin and the Trac-  
tor's Revenge

*Nisi Dominus* (Psalm 126),  
R.608 James Bowman  
(Vivaldi)

*Somewhere over the  
rainbow*  
adapted by Marusha (D.J.)  
(Harold Arlen & E.Y.  
Hamburg)

*Hooray For Hollywood  
(cha cha)*  
Don Swan & his orchestra  
(John H. Mercer & Richard  
E. Whiting)

*Sway*  
Dean Martin  
(P.B. Ruiz & N. Gimbel)

Asia 2001

*Nocturne Op. 9 n.º 2 in  
E flat major*  
Chopin

# OHAD NAHARIN

## COREOGRAFIA

Ohad Naharin tem sido aclamado como um dos mais proeminentes coreógrafos contemporâneos mundiais. Diretor artístico da companhia de dança israelita Batsheva, desde 1990, tem-na guiado segundo uma visão artística audaz e revigorado o seu repertório com as suas coreografias cativantes. Naharin criou mais de 30 trabalhos para a companhia principal e para o agrupamento júnior, Batsheva Ensemble. Ohad Naharin nasceu em 1952, em Kibbutz Mizra e iniciou os seus estudos com a companhia de dança da Batsheva, em 1974. No seu primeiro ano, Martha Graham convidou-o para se juntar à sua companhia em Nova Iorque. Nessa cidade estudou na Escola do American Ballet, com uma bolsa da America-Israel Cultural Foundation, treinou no Juilliard School e apurou a sua técnica com Maggie Black e David Howard. Em 1980, formou a Companhia de Dança Ohad Naharin. Recebeu encomendas de companhias de renome mundial como a Companhia de Dança Contemporânea Kibbutz e Nederlands Dans Theater. Naharin foi também pioneiro na criação de uma inovadora linguagem de movimento: Gaga, que enfatiza a exploração da sensação e disponibilidade para o movimento, tornando-se no método principal de treino para os bailarinos da Batsheva. Os talentos de Naharin fizeram-no acumular uma série de prémios e menções honrosas. Em Israel, recebeu o Doutoramento *Honoris Causa* de Filosofia, pelo Instituto da Ciência de Weizmann, o prestigiado prémio israelita para Dança, o prémio Jewish Culture Achievement atribuído pela Fundação da Cultura Judaica, o Doutoramento *Honoris Causa* de Filosofia pela Universidade Hebraica e ainda o prémio EMET na categoria de Arte e Cultura. Naharin foi também condecorado com a Ordem de Cavaleiro das Artes e das Letras pelo governo francês, recebeu em dois anos consecutivos o prémio New York Dance and Performance – Bessie, o prémio Lifetime Achievement do Festival de Dança Americana Samuel H. Scripps, o prémio da Dance Magazine e, em 2013, o seu mais recente Doutoramento *Honoris Causa*, pela Juilliard. É regularmente premiado pelo seu trabalho, tendo recebido, em 2017, o prémio Ruth Page. A partir do mesmo ano, passa a fazer parte do projeto Rolex Mentor-Protégé Arts Initiative e será mentor do jovem bailarino sul-africano, Londiwe Khoza. —

### DIREÇÃO ARTÍSTICA Paulo Ribeiro

**BAILARINOS PRINCIPAIS** Ana Lacerda; Filipa de Castro; Filomena Pinto; Inês Amaral; Peggy Konik; Solange Melo; Alexandre Fernandes; Carlos Pinillos; Mário Franco **BAILARINOS SOLISTAS** Isabel Galriça; Mariana Paz; Paulina Santos; Brent Williamson; Luís d'Albergaria; **BAILARINOS CORIFEUS** Andreia Pinho; Annabel Barnes; Catarina Lourenço; Henriett Ventura; Irina de Oliveira; Maria João Pinto; Marta Sobreira; Tatiana Grenkova; Freek Damen; Lourenço Ferreira; Miguel Ramalho; Xavier Carmo **CORPO DE BAILE** África Sobrino; Almudena Maldonado; Andreia Mota; Carla Pereira; Catarina Grilo; Diletta Bonfante; Elsa Madeira; Filipa Pinhão; Florencia Siciliano; Inês Ferrer; Inês Moura; Isabel Frederico; Isadora Valero; Júlia Roca; Leonor de Jesus; Margarida Pimenta; Maria Barroso; Maria Santos; Marina Figueiredo; Miyu Matsui; Patrícia Keleher; Rebecca Storani; Sílvia Santos; Susana Matos; Zoe Roberts; Aeden Pittendreigh; Christian Schwarm; Filipe Macedo; Frederico Gameiro; João Carlos Petrucci; João Pedro Costa; José Carlos Oliveira; Joshua Earl; Kilian Smith; Kilian Souc; Nuno Fernandes; Ricardo Limão; Tiago Coelho **BAILARINOS ESTAGIÁRIOS** Anyah Siddall; Bithana Kim; Filipa Cavaco; Shiori Midorikawa; Drew Jackson; Francisco Sebastião; Hèctor Chicote; João Silva

**MESTRES DE BAILADO** Fernando Duarte (coordenador); Barbora Hruskova; Maria Palmeirim **ENSAIADORES** Fátima Brito; Rui Alexandre **ADJUNTA DO DIRETOR ARTÍSTICO** Luísa Ramos **COORDENADORA MUSICAL** Ana Paula Ferreira **COORDENADORA ARTÍSTICA EXECUTIVA** Filipa Rola **COORDENADOR DE PROJETOS ESPECIAIS** Rui Lopes Graça **PROFESSORA CONVIDADA** Sylvia Rijmer\* **PIANISTAS CONVIDADOS** Humberto Ruaz\*; Jorge Silva\*; Hugo Oliveira\*

**CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO OPART** Presidente Carlos Vargas; Vogal Sandra Simões; Vogal Samuel Rego **DIREÇÃO DE ESPETÁCULOS CNB** Diretora Margarida Mendes; Carla Almeida (coordenadora); Bruno Silva (dúbiação e eventos); Natacha Fernandes (assistente) **ATELIER DE COSTURA CNB** Paula Marinho (coordenadora); Ana Fernandes; Conceição Santos; Helena Marques; Leopoldina Garcia **DIREÇÃO TÉCNICA CNB** Diretora Cristina Piedade; **Sector de Maquinaria** Alves Forte (chefe de sector); Miguel Osório **Sector de Som e Audiovisuais** Bruno Gonçalves (chefe de sector); Paulo Fernandes **Sector de Luz** Vítor José (chefe de sector); Pedro Mendes **Sector de Palco** Ricardo Alegria; Frederico Godinho; Marco Jardim **DIREÇÃO DE CENA CNB** Diretor Henrique Andrade; Vanda França (assistente / contrarregista); Tom Colin (assistente) **Conservação do Guarda Roupas** Carla Cruz (coordenadora); Cristina Fernandes; **DIREÇÃO DE COMUNICAÇÃO CNB** Diretora Cristina de Jesus; Pedro Mascarenhas **Canais Internet** José Luís Costa **Vídeo e Arquivo Digital** Marco Arantes **Design** João Campos\* **Bilheteira** Diana Fernandes; Diogo Chamorro\*; Luísa Lourenço; Rita Martins **ENSAIOS GERAIS SOLIDÁRIOS CNB** Luís Moreira\*\* (coordenador) **ESTÚDIOS VICTOR CORDON** Rui Lopes Graça (coordenador) **DIREÇÃO FINANCEIRA E ADMINISTRATIVA OPART** Diretor Marco Prezado; Annabel Segura; António Pinheiro; Fátima Ramos; Lucília Varela; Rute Gato; Sandra Correia **Limpeza e Económico** Maria Conceição Pereira; Maria de Lurdes Moura; Maria do Céu Cardoso; Maria Isabel Sousa; Maria Teresa Gonçalves **DIREÇÃO DE RECURSOS HUMANOS OPART** Diretora Sofia Dias; André Viola; Sofia Teopisto; Vânia Guerreiro; Zulmira Mendes **GABINETE DE GESTÃO DO PATRIMÓNIO OPART** Nuno Cassiano (coordenador); Armando Cardoso; Artur Ramos; Carlos Pires; Carlos Santos Silva; Daniel Lima; João Alegria; Manuel Carvalho; Nuno Estevão; Rui Ivo Cruz; Rui Rodrigues; Victor Silva **DIREÇÃO DE ASSUNTOS JURÍDICOS OPART** Fernanda Rodrigues (coordenadora); Anabela Tavares; Inês Amaral **Secretária do Conselho de Administração** Regina Sutre **OSTEOPATA** Soraia Xavier Marques **SERVIÇOS DE FISIOTERAPIA CNB** Fisiogaspar\* **GABINETE DE INFORMÁTICA OPART** Pedro Penedo (coordenador)

\* Prestadores de serviço \*\* Regime de voluntariado



## BILHETEIRAS E RESERVAS

### Teatro Camões

Quarta a domingo

das 13h às 18h (01 nov – 30 abr)

das 14h às 19h (01 mai – 31 out)

Dias de espetáculo até meia-hora após o início do espetáculo.

Telef. 218 923 477

### Teatro Nacional de São Carlos

Segunda a sexta das 13h às 19h

Telef. 213 253 045/6

### Ticketline

www.ticketline.pt

Telef. 707 234 234

### Lojas Abreu, Fnac, Worten, El Corte Inglés, C.C. Dolce Vita

## CONTACTOS

### Teatro Camões

Passeio do Neptuno, Parque das Nações,

1990 - 193 Lisboa

Telef. 218 923 470

## INFORMAÇÕES AO PÚBLICO

Não é permitida a entrada na sala enquanto o espetáculo está a decorrer (DL n.º 23/2014, de 14 de fevereiro); É expressamente proibido filmar, fotografar ou gravar durante os espetáculos; É proibido fumar e comer/ beber dentro da sala de espetáculos; Não se esqueça de, antes de entrar no auditório, desligar o seu telemóvel; Os menores de 6 anos não poderão assistir ao espetáculo nos termos do DL n.º 23/2014, de 14 de fevereiro; O programa pode ser alterado por motivos imprevistos.

Espetáculo M/6



MARÇO — JULHO 2017

# DIGRESSÃO NACIONAL

ALMADA  
ANGRA DO HERÓISMO  
AVEIRO  
BEJA  
BRAGANÇA  
CALDAS DA RAINHA  
CASTELO BRANCO  
CHAVES  
COIMBRA  
ÉVORA  
FARO  
FIGUEIRA DA FOZ  
FUNCHAL

GUARDA  
GUIMARÃES  
IDANHA-A-NOVA  
IDANHA-A-VELHA  
LAGOS  
LAMEGO  
LEIRIA  
MATOSINHOS  
OVAR  
PORTALEGRE  
PORTIMÃO  
PORTO  
PONTA DELGADA

SARDOAL  
SETÚBAL  
SINES  
TORRES NOVAS  
TORRES VEDRAS  
VIANA DO CASTELO  
VILA NOVA DE  
FAMALICÃO  
VILA REAL DE ST.  
ANTÓNIO  
VILA REAL  
VISEU



[WWW.CNB.PT](http://WWW.CNB.PT) // [WWW.FACEBOOK.COM/CNBPORTUGAL](http://WWW.FACEBOOK.COM/CNBPORTUGAL)  
[TWITTER.COM/CNBPORTUGAL](http://TWITTER.COM/CNBPORTUGAL) // [INSTAGRAM.COM/CNBPORTUGAL](http://INSTAGRAM.COM/CNBPORTUGAL)